"Se você é fã de romances de época, precisa ler Sabrina Jeffries!" – *Lisa Kleypas*

SABRINA JEFFRIES

DINASTIA DOS DUQUES

2

O DUQUE SOLTEIRO

O duQue SolteiRo

Título original: *The Bachelor*

Copyright © 2020 por Sabrina Jeffries, LLC
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado em acordo com a Bookcase Literary Agency e Kensington Publishing.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Os direitos morais da autora estão assegurados.

tradução: Michele Gerhardt MacCulloch

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Camila Figueiredo e Tereza da Rocha

diagramação: Abreu's System

capa: Miriam Lerner | Equatorium Design

imagem de capa: © Ilina Simeonova / Trevillion Images

impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J49d

Jeffries, Sabrina, 1958-

O duque solteiro / Sabrina Jeffries ; [tradução Michele Gerhardt MacCulloch]. – 1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2021.

240 p. ; 23 cm. (Dinastia dos duques ; 2)

Tradução de: The bachelor
Sequência de: Projeto duquesa
Continua com: Quem quer casar com um duque?
ISBN 978-65-5565-170-6

1. Ficção americana. I. MacCulloch, Michele Gerhardt. II. Título. III. Série.

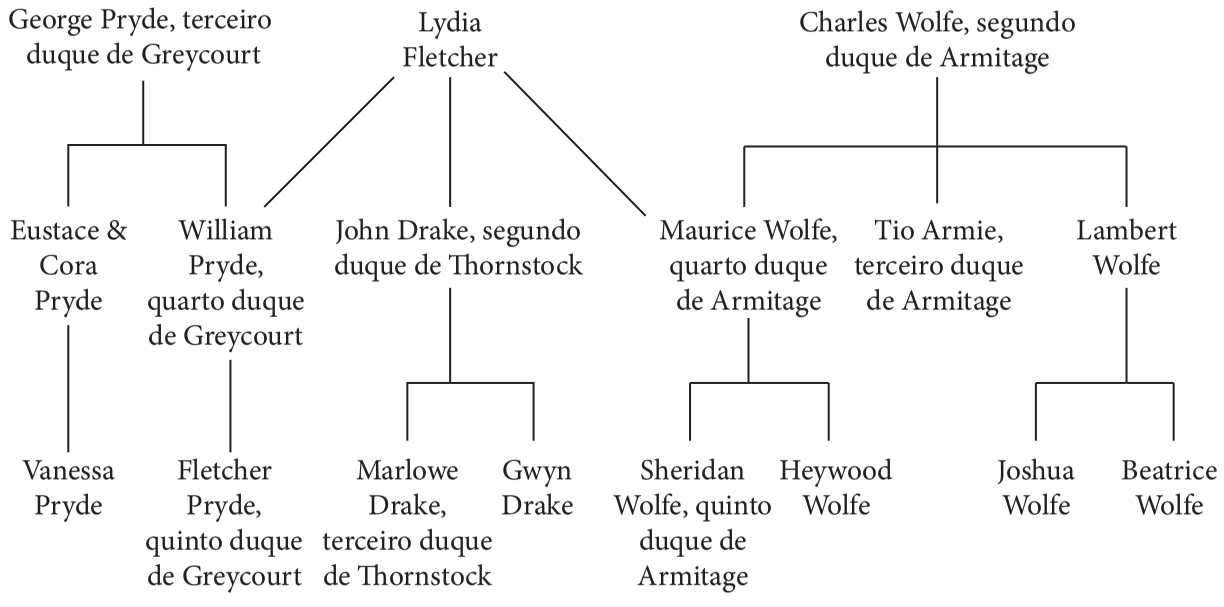
21-71009 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Starbucks,
Sem o qual esta história nunca teria sido contada

Maridos e filhos de Lydia



Diário da Sociedade Londrina

Gêmeos da duquesa de Armitage surpreendem Londres

Mais uma vez, queridos leitores, descobri uma novidade para deleitá-los. Todos imaginavam que a duquesa de Armitage fosse esperar o ano de luto chegar ao fim para então apresentar sua filha, lady Gwyn Drake, à sociedade, mas a duquesa viúva, mais uma vez, demonstrou uma chocante falta de respeito com as regras da sociedade. A jovem será apresentada à corte *nesta temporada*. As línguas vão tagarelar e sem dúvida a jovem dama dará muito assunto para isso, porque é impossível não esperar que lady Gwyn se mostre encantadora. Pelo menos sua mãe é sábia o suficiente para seguir *algumas* das regras de decoro para viúvas que perderam o marido há apenas *seis* meses. Ouvi dizer que ela não acompanhará a filha aos eventos sociais. Em vez da mãe, lady Gwyn terá a companhia de uma amiga íntima da duquesa, lady Hornsby, dama de imaculada virtude.

Decerto a idade avançada de lady Gwyn – 30 anos – é o que motiva a pressa de sua mãe em colocá-la no mercado casamenteiro como se fosse o prêmio de uma corrida de cavalos puro-sangue de Derby, mas dizem que a jovem é infinitamente mais atraente. Quem vos escreve também ouviu falar que é tão bem-humorada quanto seu irmão gêmeo, o duque de Thornstock. Quando souberem o prêmio que os espera, poucos cavalheiros reclamarão de sua idade.

Para animar ainda mais as coisas, o meio-irmão de lady Gwyn, o duque de Greycourt, também apresentará sua nova *esposa* durante a temporada. Todos especulam que tipo de mulher escolheria se casar com um homem tão arrogante. Também espera-se a presença do despreocupado irmão gêmeo de lady Gwyn. Os salões de baile de Londres estarão fervilhando de familiares da duquesa,

que incluem *dois* duques elegíveis, se contarmos com o mais novo duque de Armitage, Sheridan Wolfe. As jovens damas ficarão em polvorosa para conquistar um deles. Será uma temporada *muito* interessante.

CAPÍTULO UM

Abril de 1809
Armitage Hall, Lincolnshire

Lady Gwyn Drake andava de um lado para o outro na ponte, como uma tigresa enjaulada. Quando a pessoa que está nos chantageando se atrasa, o que isso significa? Certamente não era um bom presságio para as negociações que ela esperava iniciar.

Talvez estivesse no lugar errado.

Gwyn tirou o bilhete do bolso e o releu:

Lady Gwyn,

Se quiser garantir meu silêncio, amanhã às quatro da tarde me entregue 50 guinéus na ponte que cruza o rio da propriedade Armitage. Caso contrário, me sentirei livre para contar segredos sobre nós dois que irão arruinar sua reputação. A senhorita sabe que sou capaz.

Capitão L. Malet

Não estava no lugar errado, então. Aquela ponte era a única na propriedade que passava por cima de um rio. Será que ele não percebera que a casa ocupada pelo belo guarda-caça de Armitage, o major Joshua Wolfe, ficava bem perto dali? Ou será que simplesmente não se importava?

Gwyn fez cara feia. Da última vez que vira "L." Malet, dez anos antes, ele era só um aspirante do exército e ela tinha apenas 20 anos. Se ele esperava encontrar a mesma garota tola e impressionável, teria uma surpresa.

Após amassar o bilhete, ela o jogou no rio. Então enfiou a mão em seu regalo para tocar a pistola que pegara no armário do irmão gêmeo, Thorn, o duque de Thornstock. Embora não estivesse carregada – ela não fazia a menor ideia de como disparar uma arma, muito menos carregar uma –, era reconfortante sentir o cabo de marfim esculpido. Seria o suficiente para impressionar e refrear um covarde como Lionel Malet.

Escutou rodas estalando sobre o cascalho a tempo de vê-lo descer da carruagem. Para ter um veículo como aquele, Lionel provavelmente con-

traíra muitas dívidas, mas ninguém diria isso ao vê-lo andar sem a menor preocupação na direção da ponte.

Difícil acreditar que ela arriscara tudo, anos antes, por aquele par de olhos azuis, aquele sorriso presunçoso e aqueles cachos negros. Mesmo usando um mero uniforme de aspirante, Lionel era incrivelmente atraente para uma jovem cercada pelos amigos mais velhos do padrasto e pelo irmão e os meios-irmãos implicantes.

Mas agora, vestido de forma ainda mais impressionante com seu traje de cavalheiro, Lionel não tinha mais poder sobre ela. Como Gwyn não vira a verdade naquela época? Que ele era um homem sedutor e esperto, o tipo que entra sem permissão na vida de uma mulher inocente para envenená-la e estragar seu futuro com apenas um golpe? Se ao menos ela tivesse percebido isso...

Não importava mais. Gwyn enfim reconhecia o verdadeiro caráter dele. Tanto que, enquanto ele se aproximava, exalando total autoconfiança, ela sacou a pistola de Thorn e apontou para ele.

– Não chegue mais perto, milorde.

Ele riu da ameaça.

– Está pensando em atirar em mim?

– Se for preciso...

– Não será – disse ele, balançando a cabeça de forma despreocupada. – Só precisa pagar o meu preço. Cinquenta guinéus é uma quantia razoável para o meu silêncio, não acha?

As mãos dela estavam trêmulas. Torcia para que ele não pudesse ver.

– Fiquei surpresa por pedir tão pouco, considerando o que conseguiria se casasse comigo.

– Ainda está interessada?

Como Gwyn apenas o fitou com raiva, Lionel deu de ombros e acrescentou:

– Imaginei. Uma pena. O casamento seria adequado para nós dois.

– Tenho certeza de que ajudaria nas suas finanças, mas não vejo de que forma poderia me beneficiar – disse ela, com frieza.

Lionel olhou para ela de cima a baixo.

– A senhorita não é mais tão jovem. Em breve será considerada uma solteirona e não conseguirá marido algum.

– Bom, para mim isso está perfeito.

Por mais estranho que pudesse parecer, essa era a verdade.

– Temo que o senhor tenha me levado a perder a fé nos homens – acrescentou Gwyn, e isso também era verdade (ao menos em parte). – Não sou mais uma menina ingênua que vai voltar a cair nas suas armadilhas.

– Então por que precisa de um revólver?

– Meu irmão ficou com medo que tentasse me sequestrar, assim como fez com Kitty Nickman no Natal, aqui mesmo nesta propriedade.

A menção ao plano fracassado pareceu deixá-lo nervoso.

– Pensei nisso. Mas conheço Thornstock. Se eu a sequestrasse, ele deserdaria você e nós dois ficaríamos pobres. Ele fez essa ameaça anos atrás.

A lembrança dessa traição pesou em seu peito e Gwyn ficou furiosa ao perceber que isso ainda tinha o poder de feri-la.

– Ele estava tentando me proteger, como qualquer bom irmão faria.

Ainda doía o irmão gêmeo ter sido capaz de ler tão bem o caráter de Lionel, ao contrário dela.

– Bem, a julgar pela sua tentativa de me chantagear, ele teve razão em fazer isso.

– Não foi uma tentativa – disse Lionel, dando um passo à frente. – Meu objetivo é sair daqui com o meu dinheiro.

Ela apontou a pistola para ele.

– Não tenho essa quantia.

Ele cruzou os braços.

– Então serei obrigado a contar ao mundo sobre nós, começando pelo seu irmão.

Gwyn foi tomada pelo medo ao pensar em Thorn, ou qualquer outra pessoa, descobrindo a verdade.

– Prometo conseguir a quantia assim que partir com a minha família para a temporada em Londres, em poucos dias. Você certamente pode esperar.

– E por que eu faria isso?

– Porque se eu pedir 50 guinéus para Thorn em Londres, ele não vai se importar, considerando a facilidade com que eu poderia gastar essa soma em uma joia ou em roupas. Mas aqui no campo, onde não tenho com o que gastar, o pedido vai parecer suspeito e ele vai pedir explicações. Não existe nenhuma mentira plausível que eu possa contar a ele. E se eu disser a verdade, Thorn vai querer matá-lo.

Lionel riu.

– Isso quer dizer que você não contou ao seu irmão idiota o que nós fizemos?

– É claro que não. E sei que você também não. Não estaria aqui, tentando me chantagear, se tivesse contado. Thorn teria matado você anos atrás.

– Verdade.

A animação desapareceu daquele rosto de beleza cruel, deixando apenas o brilho frio nos olhos. Aquele era o Lionel Malet que ela conhecia e odiava.

– Felizmente, agora estou mais preparado para enfrentar seu irmão. Não foi à toa que treinei como soldado. E, sem dúvida, Thornstock deve ter ficado mais manso com a idade.

– Bem, estou vendo que não teve contato com ele recentemente.

– Seja como for – disse Lionel, ignorando o comentário dela –, eu não tenho a menor intenção de esperar pelo meu dinheiro. Se não pode me pagar agora, terei que pegar alguma outra coisa como compensação.

Ele avançou pela ponte na direção dela, e, embora Gwyn tenha se movido com rapidez, ele a alcançou antes que ela conseguisse ir longe. Só quando lhe arrancou a pistola da mão foi que Gwyn percebeu que ele não estava atrás dela, e sim da arma.

– Você não vai ficar com isso! – gritou, o coração afundando no peito. – Esse revólver é do Thorn! Não posso dar uma coisa que não é minha!

A arma, parte de um par, era a mais recente aquisição do irmão, que estava muito afeiçoado ao objeto. Thorn nunca a perdoaria por tê-la roubado.

– Não me importo.

Lionel examinou a pistola, então bufou quando percebeu que não estava carregada.

– Isso vai me render alguma quantia em Londres enquanto espero o restante – disse ele, enfiando a pistola no bolso do sobretudo. – Ah, o preço do meu silêncio acabou de subir. Agora são 100 guinéus.

Quando ele se virou para ir embora, ela o agarrou pelo braço, tentando evitar que fugisse com a arma de Thorn.

– Eu vou conseguir o seu maldito dinheiro, mas você não pode ficar com a pistola!

Ela quase havia tirado a arma do bolso dele quando ele a segurou pelo braço e a sacudiu.

– Eu vou pegar o que quiser de você, pode ter certeza. Então, lady Gwyn, se quiser que eu guarde seus segredos...

Um tiro soou sobre a cabeça dos dois. Assustados, ela e Lionel olharam na direção do estrondo, no topo da colina onde ficava a casa de contradote.

O inquilino, o major Wolfe, fez alguma coisa com o cano da própria arma, então mirou no peito de Lionel. Honestamente, ela nunca ficara tão feliz em ver o taciturno ex-soldado.

– Afaste-se da dama! – gritou o major Wolfe.

Ele descia a colina em direção à ponte, de alguma forma mantendo a arma apontada para Lionel à medida que caminhava pela superfície irregular da margem do rio com sua bengala.

Lionel desdenhou dele.

– Senão o quê? Certamente um mero guarda-caça não ousaria atirar no filho de um visconde.

Gwyn franziu a testa.

– Como você sabe que ele é um guarda... Ah, certo.

Ela havia esquecido que o major Wolfe ajudara a impedir o sequestro orquestrado por Lionel no Natal. Não que isso fizesse diferença.

– O major é neto do duque e excelente atirador. Ele não apenas ousaria atirar em você como não erraria.

O olhar do major Wolfe se desviou para ela. Ele pareceu surpreso com o comentário, embora ela não soubesse por quê. Gwyn flertara com ele o suficiente para deixar claro o que pensava a seu respeito, mas parou depois de receber algumas respostas rudes. Nenhum homem a faria de boba. Ela dera essa chance a Lionel e a situação havia terminado de forma desastrosa.

O major continuava mirando em Lionel.

– O senhor está nas minhas terras, tentando agredir um membro da família para a qual eu trabalho. Então é melhor soltar a dama, senão eu juro que vai se arrepender. Nenhum juiz do condado me condenaria por atirar em um homem armado dentro da minha propriedade.

– Não estou armado – mentiu Lionel.

Quando o major Wolfe apontou para o bolso do casaco, onde ainda era possível ver o cabo de marfim da pistola de Thorn, o sujeito ficou pálido.

– Não está carregada – afirmou ele, embora tenha tido o bom senso de soltar Gwyn.

– Sem mencionar que a arma não é sua – disse Gwyn, e então olhou para o major Wolfe. – É do meu irmão, major. O capitão Malet a tomou de mim.

Wolfe levantou uma sobrancelha escura para ela.

– E o que a senhorita pretendia fazer com uma pistola descarregada?

– Não importa. Estou apenas dizendo que a quero de volta.

Wolfe fez um gesto com sua arma.

– O senhor escutou a dama. Devolva a arma a ela.

Lionel estreitou os olhos e o coração de Gwyn quase parou. E se ele decidisse revelar o segredo dela para o major? Era exatamente o tipo de coisa que ele faria para se vingar. E Gwyn ficaria mortificada, o que era bastante significativo, já que poucas coisas a deixavam mortificada atualmente.

Ela se aproximou ainda mais de Lionel.

– Me devolva – disse, baixando a voz para um sussurro. – Eu prometo que terá seu dinheiro assim que eu chegar a Londres. Mas se disser a ele uma só palavra sobre o nosso passado, não verá dinheiro algum.

Lionel olhou da arma do major Wolfe para o rosto sombrio de Gwyn.

– Eu vou fazer com que cumpra a sua promessa – murmurou.

Lionel devolveu a pistola de Thorn e saiu da ponte, se dirigindo para sua carruagem. Wolfe, que observara a conversa deles com atenção, felizmente não perguntou sobre o que falaram. Gwyn tinha quase certeza de que ele não conseguira ouvi-los acima do som do rio que passava abaixo, mas tremia só de pensar que escapara por pouco.

E continuaria tremendo enquanto Lionel estivesse por perto.

– Eu queria que você tivesse matado aquele homem – murmurou ela enquanto o major Wolfe se aproximava, de olho em Lionel, que se afastava.

Quando Lionel subiu na carruagem e foi embora, Wolfe relaxou. Então enfiou a pistola grande e estranha no espaçoso bolso do sobretudo surrado que ela sempre o via usar enquanto estava trabalhando pela propriedade.

– Vou acompanhar a senhorita de volta à casa principal.

Quando ela abriu a boca para protestar, ele acrescentou:

– Para o caso de Malet estar escondido pelas redondezas, esperando para se aproveitar da senhorita de novo.

Ah. Fazia sentido.

– Obrigada por vir em meu socorro.

Ele assentiu, taciturno como sempre, e fez um gesto para ela passar na frente. Os dois cruzaram a ponte e subiram a colina, permanecendo em silêncio enquanto Gwyn lançava olhares furtivos para ele a cada poucos passos. Deus do céu, como aquele homem era bonito. Uma beleza fora

de moda, com o cabelo preto preso por um simples cordão de couro, mas bonito de toda forma.

Alguns poderiam dizer que o maxilar era saliente demais e os lábios eram muito finos para ele ser considerado atraente, e talvez isso fosse verdade. Gwyn, no entanto, achava a combinação surpreendente. Mas eram os olhos cor de avelã que o distinguiam de qualquer outro homem que ela conhecia, até mesmo Heywood, que também tinha olhos castanhos. Os do major eram como melado, um tom de dourado tão raro que ela poderia ficar olhando para eles o dia todo.

Não que tivesse muitas chances. Quando Beatrice, irmã do major, morava na propriedade, Gwyn o via com mais frequência. Mas depois que Bea se casou, o major parecia determinado a não se relacionar com ninguém que morasse em Armitage Hall.

Isso não impedia que as empregadas falassem dele: como ele era, o que dizia, o que fazia. Uma até afirmara que se casaria com ele sem nem pensar duas vezes, fosse ele manco ou não. Mas Wolfe parecia não fazer ideia do seu poder de atração sobre o sexo feminino, caso contrário já teria escolhido uma esposa. Segundo a irmã, ele já tinha 31 anos.

– O que Malet queria? – perguntou o major finalmente.

Ela ficou feliz por ter uma explicação plausível na ponta da língua.

– Queria me obrigar a ir com ele. Por isso apontei a arma.

O major Wolfe escrutinou o rosto dela.

– Desde quando a senhorita carrega um revólver em Armitage?

– Desde que Malet disse a Heywood que tinha a intenção de me sequestrar como vingança por algo que Heywood e um amigo dele fizeram enquanto estavam fora do país – respondeu ela.

– Malet fez essa ameaça quatro meses atrás – destacou o major Wolfe. – É estranho que tenha esperado até agora para agir.

– Talvez ele estivesse esperando que baixássemos a guarda – sugeriu ela. – Ou talvez tenha tentado cortejar alguma herdeira que não sabia de suas intenções malignas e, uma vez que esta não se mostrou tão disposta, ele tenha decidido retomar o plano.

– E a senhorita estava andando pela propriedade com a arma descarregada do seu irmão por acaso quando Malet apareceu querendo sequestrá-la.

Ela sabia perfeitamente que o major Wolfe não era ingênuo o suficiente para acreditar *naquilo*. Então teve uma ideia.

– Thorn ouviu dizer que ele estava rondando por Sanforth, então me avisou que ficasse de olho.

– Seu irmão está em Armitage Hall?

– Está, sim, foi ele quem me deu a arma, para me proteger.

– Uma pistola valiosa e descarregada que ele não lhe ensinou a carregar nem a usar? Isso parece negligência, e nunca achei seu irmão negligente.

– O senhor ficaria surpreso – resmungou ela.

Maldito major Wolfe e sua mente militar. Isso não estava indo bem.

– Ainda por cima, parecia que a senhorita e Malet se conheciam bem, ou pelo menos o suficiente para trocar confidências.

– Hã?! Não seja tolo! O que quer que o senhor tenha visto não é o que está pensando.

– Bem, se a senhorita está dizendo...

Wolfe se movia pela trilha do bosque com uma agilidade surpreendente, considerando sua perna ferida.

– De qualquer forma, por que seu irmão está aqui? Ele não tem a própria propriedade para administrar?

– Tem, mas decidiu nos acompanhar, a mim e nossa mãe, na temporada em Londres. Serei apresentada à corte e farei meu debute.

– Estou ciente – disse ele, parecendo tenso.

Mas o que diabo esse comentário significava?

Bem, talvez ele estivesse pensando em Bea e no fato de que ela também seria apresentada, só que como a esposa de Grey, a duquesa de Greycourt.

– Felizmente – continuou ele –, o incidente de hoje vai mostrar ao seu irmão a importância de manter a senhorita e seus pretendentes em Londres sob vigilância.

A afirmação era tão tipicamente masculina e arrogante que Gwyn estava prestes a dar-lhe um sermão para ele deixar de ser presunçoso, até que percebeu o que as palavras dele implicavam.

– O senhor não está pensando em contar a Thorn sobre o ocorrido.

Wolfe levantou uma sobrancelha.

– É claro que estou. Ele precisa saber, para que possa se organizar para acompanhá-la a todos os lugares.

Ela parou diante dele para bloquear seu caminho.

– Você não pode fazer isso! Não quero Thorn se intrometendo nos meus assuntos pessoais. Já foi o suficiente crescer com ele em Berlim.

Na penumbra do bosque, os olhos do major pareciam tão escuros e tão duros quanto um tronco de carvalho.

– A senhorita não pode esperar que eu fique em silêncio sobre esse assunto.

– Por que não? Não é da sua conta. Sou uma mulher adulta. Posso lidar com tipos como o Sr. Malet quando estiver em Londres. Lá eu nunca fico desacompanhada.

– *Nunca?* Nem mesmo na propriedade da família na cidade? Ou ao sair para uma varanda para pegar um ar fresco durante um baile? Ou...

– Eu vou tomar cuidado em todos os lugares, posso garantir. De qualquer forma, não haverá nenhuma oportunidade para ele me sequestrar sem chamar atenção.

E haveria muito menos se o major contasse a Thorn sobre Lionel e seu irmão decidisse seguir seus passos para todos os lados. Então ela nunca conseguiria se encontrar com Lionel sozinha para entregar o dinheiro.

E ela também não podia contar a Thorn sobre a chantagem. Ele mataria Lionel na mesma hora e acabaria na cadeia, ou desafiaria Lionel para um duelo e acabaria na cadeia. Não, Thorn nunca poderia saber o que o capitão estava planejando.

– Por favor, major Wolfe, não conte ao meu irmão...

– O seu irmão talvez faça todas as suas vontades, lady Gwyn, mas eu não. Ou a senhorita conta a ele na minha presença ou eu mesmo conto. Mas, de um jeito ou de outro, ele vai ficar sabendo sobre Malet. Ponto final.

Deus do céu, o homem parecia um cachorro agarrado a um osso. E agora, graças a ele, a possibilidade de pagar Lionel e colocar fim naquela loucura tinha se tornado muito menor.

CAPÍTULO DOIS

Joshua não podia acreditar que ele e lady Gwyn estavam tendo aquela discussão. Nem a sua irmã seria tão irresponsável a ponto de flertar com o perigo daquela forma.

Beatrice teria escondido o perigo de você. *Como fez antes de se casar com Greycourt.*

Talvez lady Gwyn e a irmã tivessem mais em comum do que ele imaginava.

Não importava. Não estava disposto a guardar os segredos de lady Gwyn. E sabia, pela reação dela às suas perguntas, que ela definitivamente tinha segredos. Ele reconhecia uma pessoa fingindo indignação quando via uma.

O fato de ela não querer envolver o irmão dizia muito também. Provavelmente tinha relação com a ida de Malet à propriedade. Wolfe pensou que não contar a Thornstock sobre o encontro seria realmente imprudente. E se Malet a machucasse por conta da omissão dele?

Não, ele não correria esse risco. A ideia de Malet a maltratando quase fez seu coração parar. Não porque gostasse de lady Gwyn: sentir qualquer coisa além de uma simples preocupação pela irmã rica de um duque seria um absurdo. Embora, segundo Beatrice, lady Gwyn tivesse 30 anos, não parecia ser mais velha do que a própria Beatrice. Quando chegasse a Londres, poderia escolher o homem que quisesse. Era melhor Wolfe se lembrar disso antes de se deixar levar por algo tolo como desejá-la.

Ele a examinou e percebeu que ela ficara um pouco pálida, um feito e tanto para uma mulher cuja pele era branca daquele jeito. Ela provavelmente usava algum cosmético, como aqueles que Beatrice estava sempre experimentando, embora só Deus soubesse qual deles poderia dar aos lábios aquele tom de pêssego e aos olhos aquele tom provocante de verde. Verde-esmeralda, ele diria; na verdade, brilhavam mais do que a pedra preciosa em si.

Droga, ele já estava pensando coisas melosas a respeito dela. Era melhor tomar cuidado. Wolfe podia ser neto de um duque, mas seu pai era o caçula, além de ser um vagabundo. Por berço, o major não era elegível para a mima-

da – e, sim, belíssima – filha de um duque. Muito menos agora que recebia apenas uma pensão da marinha depois de ferir a perna e ficar impossibilitado de perseguir suas ambições de fuzileiro real.

Além disso, se não podia servir ao país, preferia viver o mais longe possível da chamada "boa" sociedade.

– A senhorita ficou muito quieta de repente – comentou ele, inexplicavelmente irritado por isso.

Ela fungou.

– Não vejo sentido em falar se o senhor se recusa a escutar.

– Eu estou escutando, mas isso não significa que vou seguir suas ordens, e é isto que a está deixando furiosa: o fato de eu me recusar a fazer a sua vontade quando qualquer outro cavalheiro não pensaria duas vezes.

Ela parou para encará-lo.

– Thorn não faz todas as minhas vontades, nem meus meios-irmãos.

– A palavra mais importante aqui é "irmãos". Irmãos homens sempre veem uma irmã com mais clareza do que outros cavalheiros.

– Ah, é? O senhor nunca poderia imaginar que sua irmã se tornaria duquesa. E estava errado.

Ele ficou incomodado com tanta sinceridade, mas ainda assim ela continuou:

– E, caso não tenha percebido, o capitão Malet não estava exatamente fazendo a minha vontade lá na ponte.

– Eu percebi, sim. E é por isso que a senhorita deveria tomar mais cuidado com ele, para não acabar sendo arrastada para dentro de uma carruagem e levada a Gretna Green para se casar às pressas.

Ela colocou as mãos nos quadris.

– Decida-se, major Wolfe. Ou eu sou mimada porque tenho todos os homens aos meus pés ou estou em perigo porque não tenho.

Maldita fosse por apontar sua falta de lógica. Lady Gwyn confundia o raciocínio de Wolfe, era quase impossível argumentar de forma racional com ela. E ele não queria examinar muito de perto o motivo disso.

– O senhor só me viu com os meus irmãos e o Sr. Malet. Não faz ideia de como me comporto com outros cavalheiros e, ainda assim, está fazendo suposições sobre o meu caráter – disse Gwyn, em seguida endireitou os ombros e continuou andando. – Deveria se envergonhar.

Ele balançou a cabeça. A mulher tinha a capacidade de usar a língua para

esfolar um homem quando as coisas não eram feitas do seu jeito. Mas Wolfe não iria morder a isca.

Como ele não respondeu na mesma hora, ela bufou.

– Eu nunca entendi por que Bea estava sempre frustrada com o senhor. *Agora* entendo.

O comentário sobre a irmã dele o irritou mais do que qualquer outra coisa.

– A senhorita faz suposições a respeito do caráter das pessoas, mas nem sequer conhece a minha irmã o suficiente para saber que ela não gosta de ser chamada de Bea.

O silêncio profundo provocado pelas palavras dele se estendeu por tanto tempo que Wolfe olhou para lady Gwyn, depois desejou não ter olhado. O constrangimento estampado no semblante dela era tão intenso que ele teve vontade de retirar o que havia dito.

– É verdade? – perguntou ela, mortificada. – Ou... você só está dizendo isso para me aborrecer?

Ele pensou em mentir, apenas para apagar aquela expressão do rosto dela.

– Me desculpe, lady Gwyn. Beatrice me mataria por ter falado isso.

– Por que *ela* não nos contou? Nós nunca a chamaríamos assim de propósito... Sempre achamos que... Bem, não tem desculpa. Minha mãe a chama assim desde o começo porque era assim que seu tio Armie se referia a ela nas cartas.

Joshua não podia imaginar por que ela não contara. O tio deles, ex-detentor do título de duque de Armitage, menosprezava Beatrice de todas as formas, a ponto de lhe dar um apelido do qual ela não gostava. Era o jeito perverso dele de forçá-la a fazer o que ele queria. Felizmente, o desgraçado morreu antes de conseguir realizar o pior de seus planos.

Mas lady Gwyn não tinha como saber disso. E, apesar de tudo, a forma como ela ficou mortificada por chamar Beatrice por esse apelido fez com que Wolfe amolecesse em relação a ela. Era claro que ela gostava da irmã dele e se arrependia de chamá-la por um apelido que não a agradava.

– Ainda assim, nós devíamos ter perguntado a ela como gostaria de ser chamada. Foi muito errado da nossa parte não fazer isso.

Lady Gwyn voltou a ficar um pouco corada.

– Mas isso explica por que Grey sempre a chama de Beatrice. Eu presumi que ele estivesse sendo o duque formal de costume, mas ela deve ter dito a ele que não gosta do apelido. Só não entendo por que não contou para todos nós.

Ele suspirou.

– Ela queria ser aceita, queria que a senhorita e sua família gostassem dela. Então não quis estragar tudo contando a todos, principalmente ao nosso tio, que não gostava do apelido.

– Bem, então – disse Gwyn, calmamente – vou me desculpar com ela assim que formos para Londres, depois de amanhã. Sei que Bea... que *Beatrice* não é sangue do meu sangue, mas a considero como se fosse. E quero que ela se sinta bem-vinda na nossa família tão diversa.

Agora ele estava se sentindo mal por ter trazido o assunto à tona. Principalmente porque gostava da tia e sabia que ela nunca teria feito aquilo com a intenção de ofender.

Lydia, a mãe de lady Gwyn, tinha entrado para a família Wolfe depois que o pai de lady Gwyn morrera. Tia Lydia se casara com tio Maurice, que logo após o casamento assumira um cargo na Prússia e acabara se tornando embaixador.

Por isso fazia pouco tempo que Joshua e Beatrice tinham conhecido a tia e os dois filhos que ela tivera com Maurice. A família havia retornado para a propriedade depois que Armie morrera, com Maurice já tendo assumido o título de duque que recebera de herança.

Até que Maurice também morrera e Sheridan, primo deles, se tornara o novo duque de Armitage. Agora era o irmão mais novo de Sheridan, Heywood, quem herdaria o título se Sheridan não tivesse filhos homens.

Sendo filho do Wolfe caçula, Joshua só herdaria o título se Sheridan e Heywood morressem sem deixar herdeiros. Como ambos eram jovens e saudáveis, não era provável que isso acontecesse.

Não que ele quisesse ser duque. Vendo a dificuldade de Sheridan para quitar as dívidas da propriedade, Joshua não queria fazer parte daquilo. O que queria era sair da reserva e voltar para os Fuzileiros Reais. Infelizmente, o estado da sua perna tornava isso pouco provável, ainda mais quando o secretário de Estado da Guerra e das Colônias nem sequer respondia às suas cartas.

De repente, Joshua percebeu que lady Gwyn estava falando com ele.

– Hum? – perguntou ele.

– Chegamos.

Ele olhou para a imponente Armitage Hall e suspirou.

– Certo.

Hora de ter uma conversa desagradável com o duque de Thornstock, que mal conhecia. Entraram na residência e foram informados de que o duque estava no escritório. Joshua se perguntou como Thornstock estaria usando o espaço apertado, onde só cabia uma escrivaninha e uma estante com almanaques antigos. Por algum motivo, duvidava que o homem estivesse lendo. Thornstock não parecia ser do tipo que lê.

Acabou descobrindo que o duque encontrara um excelente conhaque que ficava guardado no local. Mas também estava empenhado em escrever, embora não parecesse feliz com o resultado, porque o chão estava coberto de bolas de papel amassado.

– Não me diga que está escrevendo uma peça, como seu xará, Marlowe – disse lady Gwyn. – Mamãe ficará orgulhosa.

Foi a única vez que Joshua escutou o nome de batismo de Thornstock, que, ao que parecia, fora escolhido em homenagem ao dramaturgo Christopher Marlowe. Um dos preferidos de Joshua.

Thornstock levantou a cabeça e fez uma careta para a irmã.

– Duques não escrevem peças, lembra? Mas escrevem muitas cartas, isso sim.

Joshua notou que o duque guardou a carta que estava escrevendo na gaveta de cima da escrivaninha.

Com um sorriso debochado para o irmão, lady Gwyn apontou para as bolas de papel.

– Pelo visto, deve ser uma carta muito importante, para precisar de tantos rascunhos.

Lady Gwyn estava implicando com Thornstock, como de costume. Os dois tinham um relacionamento conflituoso, como o de Joshua e Beatrice antes de ela se casar. Só que o dele e Beatrice ainda tinha como combustível o desespero da situação em que se encontravam, enquanto lady Gwyn e o irmão eram ricos. Qual seria o combustível da animosidade entre *eles*?

Não, ele não se importava. Lady Gwyn não era problema dele.

Thornstock levantou-se para cumprimentar Joshua com um aceno de cabeça.

– Então, o que leva o guarda-caça de Sheridan e minha irmã favorita a me agraciarem com suas presenças?

– Favorita? Você tem alguma outra irmã que eu não conheça? – perguntou lady Gwyn maliciosamente.

– Espero que não. Só consigo lidar com uma.

Joshua já tinha visto os gêmeos passarem horas se alfinetando. Não estava com paciência para isso.

– Perdoe a intromissão, Vossa Graça, mas acabamos de encontrar Lionel Malet na propriedade.

– *O quê?* – perguntou Thornstock, e correu para a janela. – Onde? Faz quanto tempo?

Lady Gwyn se aproximou de Joshua para cochichar.

– Você poderia ter sido mais cuidadoso ao falar.

– Ao contrário de vocês dois, eu não tenho o dia todo – respondeu Joshua, e encarou o duque. – Malet abordou sua irmã na ponte perto da casa de contradote. Felizmente, eu os vi e coloquei o sujeito para correr antes que ele pudesse fazer mais alguma coisa. Garanto que ele saiu da propriedade, mas não posso garantir que não irá voltar.

Lady Gwyn fungou.

– Não vai fazer diferença se ele voltar. Estaremos em Londres.

– Mais um motivo para ficarem de olho nele – disse Joshua.

A mulher era mais teimosa do que uma mula.

Com a testa franzida, Thornstock voltou para a escrivaninha.

– Malet estava armado?

– Não que eu tenha visto – respondeu Joshua. – Mas ele tentou roubar a pistola que o senhor deu a lady Gwyn para se proteger.

Thornstock fuzilou a irmã com o olhar e um músculo se contraiu em sua mandíbula. Estava claro que ela mentira sobre a arma do irmão.

– Você por acaso carregou a arma que *dei* a você, Gwyn? – perguntou o duque, enfatizando a palavra "dei" com sarcasmo.

Ela olhou para o irmão de forma desafiadora.

– É claro que não. Para carregar a arma, eu precisaria saber como usá-la, e você não se deu o trabalho de me ensinar.

Joshua ficou impressionado com a capacidade de lady Gwyn de transformar seu ato de imprudência em um erro do irmão. Graças a Deus, Beatrice não tinha essa habilidade.

– Certo – respondeu Thornstock, calmamente. – Nesse caso, você pode me devolvê-la, pois não é muito prudente usar uma arma sem estar preparada para isso.

– Exatamente o que eu disse a ela – comentou Joshua.

Thornstock sorriu para ele.

– Acho que o senhor está percebendo que minha irmã raramente escuta o que lhe dizem.

– Olhem só, vocês dois... – começou ela.

– Sem mencionar – interrompeu Thornstock, ignorando-a – que essa pistola vale uma fortuna.

– Bem, então fiz bem em não permitir que Malet a roubasse – disse Joshua.

– Com certeza – concordou Thornstock, lançando um olhar enigmático para a irmã. – Pode me entregar, Gwyn.

Ela sorriu.

– Não seria melhor se você simplesmente me ensinasse a atirar?

– Estremeço só de pensar em você indo para Londres armada – disse ele, e estendeu a mão. – Entregue, maninha.

– Que seja... – resmungou ela, batendo com a arma na mão dele com tanta força que ele estremeceu.

Thornstock estreitou os olhos para fitar a irmã.

– Major Wolfe, o senhor poderia me deixar a sós com minha irmã por alguns minutos?

Joshua fez uma reverência, feliz por finalmente deixar os gêmeos resolverem os seus problemas.

– Fiquem à vontade, tenho trabalho a fazer.

Mas quando ele se virou para a porta o duque disse:

– Na verdade, Wolfe, gostaria que esperasse até que eu termine a minha conversa com Gwyn.

Ela ficou pálida.

– Por quê?

Joshua se perguntou a mesma coisa, mas teve o bom senso de não dizer nada.

Thornstock ignorou a irmã.

– Se não se incomodar em esperar, é claro.

Joshua não era idiota de dizer a verdade ao duque: que a perspectiva de continuar perto de lady Gwyn por mais tempo tiraria até um santo do sério.

– Certo.

– Prometo não demorar.

Thornstock foi até a porta para abri-la.

Assentindo brevemente, Joshua saiu. Estava tenso. Não tinha certeza do que era pior: ser tratado como um criado por um homem da sua idade ou ter de esperar na mesma casa em que a bendita lady Gwyn se encontrava.

Não que fizesse diferença. Homens pobres, especialmente os mancos, não tinham alternativa. Mais uma razão para dar logo um jeito em sua vida. Sua permanência em Armitage se tornava mais intolerável a cada dia.

G

Gwyn encarou o irmão.

– Você não precisava ser rude com ele.

– Eu fui rude? – perguntou Thornstock, e então acrescentou: – Ah, você está apenas tentando mudar de assunto, mas não vou cair nessa.

– Você me pegou – mentiu ela.

Porque nunca conseguiria explicar ao irmão gêmeo a raiva que sentira quando ele praticamente fechara a porta na cara de Joshua.

Thorn apontou para a única outra cadeira no pequeno cômodo.

– Sente-se – ordenou enquanto se acomodava atrás da escrivaninha. – Quero que me conte a verdade sobre o que aconteceu entre você e Malet.

– Eu já contei.

Os olhos dele ficaram de um tom cinza como a tempestade.

– Não a verdade toda, suspeito.

Maldito fosse Thorn por conhecê-la tão bem. A bênção (e a maldição) de ter um irmão gêmeo era a incapacidade de esconder alguma coisa do outro.

Pensando no que dizer para convencê-lo, Gwyn ficou se remexendo na cadeira. Thorn *não* podia, de forma alguma, saber "toda a verdade". Uma versão da verdade seria suficiente, ainda mais se fizesse com que ela parecesse uma tola. Os homens sempre consideram as irmãs tolas, e Thorn claramente achava isso dela desde o dia em que subornara Lionel em Berlim.

– Recebi um bilhete do Sr. Malet hoje de manhã – explicou Gwyn. – Ele falava sobre retomarmos nossa antiga amizade.

Thorn ficou de pé.

– E você achou que não haveria problema em encontrá-lo? O que a motivou a fazer algo tão tolo *sabendo* que ele já tentou sequestrar você antes?

– Eu peguei a pistola emprestada. Achei que ficaria segura assim.

Thorn se aproximou da cadeira dela.

– Obviamente, não ficou.

– E é exatamente por isso que você precisa me ensinar a usá-la – disse ela.

– Nem por cima do meu cadáver – falou ele, furioso.

– Quem sabe do meu, então.

O rosto dele ficou vermelho.

– Eu nunca vou ensinar a você uma coisa dessas, Gwyn. Pode ir tirando isso da cabeça!

– Então não se surpreenda se eu arranjar problemas em Londres.

Parecendo estupefato, Thorn começou a andar de um lado para outro no escritório, até que parou bem na frente dela.

– Problemas com Malet, você quer dizer.

– É claro que não. – Não o tipo de problema em que Thorn estava pensando, pelo menos. – Posso lhe garantir que não sinto mais nada pelo Sr. Malet há anos.

Thorn parecia cético, o que era irônico, porque ela estava sendo sincera.

– Então por que você foi encontrá-lo sozinha?

– Para dizer a ele o que eu acabei de dizer a você: que não quero mais nada com ele e que desejo que me deixe em paz. Eu sabia que se não fosse enfática e não dissesse isso pessoalmente, ele poderia achar que você estava me forçando a fazer isso e continuaria me perseguindo. Então fui até ele e fui bem clara. Ele só não gostou muito do que ouviu.

Thorn cruzou os braços.

– Então o que você estava querendo dizer quando falou sobre arranjar problemas em Londres?

– Bem, sendo eu uma herdeira e vocês, homens, sendo essas criaturas imprevisíveis e imprudentes, posso passar por algumas dificuldades durante meu debute. E ter uma arma para me proteger resolveria essa questão.

– É mais provável que a minha presença resolva essa questão – afirmou ele.

O coração dela parou de bater por um segundo.

– É claro que não.

Se Thorn ficasse o tempo todo andando atrás dela, Gwyn nunca conseguiria pagar o Sr. Malet. Ela se levantou para encarar o irmão.

– Você não pode ficar me rondando o tempo inteiro durante o debute, Thorn. Você não só vai espantar meus pretendentes como vai ficar entediado e irritado com todo esse universo casamenteiro. Prefiro ter companhias mais agradáveis quando for aos bailes. Muito obrigada.

Thorn abriu a boca, então pensou melhor e, em vez de falar, soltou um suspiro.

– O que vou fazer com você, *Liebchen*?

O apelido carinhoso não a dissuadiu de seu propósito.

– Seja meu irmão, não meu pai – disse ela baixinho. – Já tenho uma mãe intrometida; é o suficiente. Eu tenho 30 anos, Thorn. Você não acha que está na hora de parar de ficar me rondando como uma matrona?

Embora tenha se retesado com a comparação insultuosa, ele disse:

– Eu gostaria de *conseguir* parar, acredite em mim.

– Talvez se você confiasse em mim, para variar...

– Eu confio em você. Não confio nesses caça-dotes imbecis da sociedade. Homens como Malet. E, falando nele, Wolfe ouviu o suficiente da conversa para saber que você quase ficou noiva do desgraçado?

– Acho que não. O major não estava perto o bastante para isso.

Thorn soltou o ar.

– Graças a Deus. Não seria bom se a alta sociedade descobrisse que você já teve algum envolvimento com esse sujeito. Os boatos sobre ele ter sido expulso do exército e o porquê já estão correndo soltos, e Malet é considerado *persona non grata* em todos os círculos sociais. As pessoas poderiam começar a especular coisas erradas se ficassem sabendo que você quase se casou com o canalha dez anos atrás.

Ela piscou para Thorn.

– Expulso do exército? Não fiquei sabendo disso. O que aconteceu?

Uma sombra cruzou o rosto de Thorn.

– Pergunte a Heywood ou a Cass se quiser saber a história toda. Mas basta dizer que Malet não é nem minimamente aceitável como pretendente para uma jovem.

– Se me lembro bem, você se certificou de que eu mesma percebesse isso – comentou ela.

Pelo menos o irmão dela teve a decência de parecer culpado.

– Você ainda está com raiva de mim por causa disso?

– Não seja ridículo. São águas passadas. Você me salvou do destino terrível de me casar com o capitão Malet.

Não importa se quase destruiu meu futuro ao fazer isso.

– Mentirosa – disse o irmão calmamente.

Como ela não repetiu o que dissera, ele suspirou e prosseguiu:

– Em todo caso, não vamos contar a Wolfe sobre o seu envolvimento com Malet. Vamos deixar que ele continue supondo que Malet estava tentando sequestrá-la hoje por causa do desentendimento com Heywood. Certo?

– Tudo bem.

A ideia de o major Wolfe saber a tola que ela tinha sido na juventude deu um nó em seu estômago, embora Gwyn não entendesse o porquê. Não veria muito o antigo oficial a partir de agora. Ela iria para Londres em poucos dias, e ele continuaria em Armitage Hall.

– Que bom que concorda. Sinceramente, não acho que Wolfe seja do tipo fofoqueiro, mas quanto menos falarmos sobre o assunto, melhor.

– Com certeza.

Quando o irmão foi até a porta e a abriu, Gwyn se lembrou tardiamente de que o major Wolfe os aguardava no corredor. Mas por quê? Será que Thorn queria oferecer a ele uma recompensa por tê-la salvado mais cedo?

Ela esperava que não. O major era orgulhoso como um leão, e rosnava duas vezes mais alto.

– Entre, major – disse Thorn. – Tenho uma proposta a lhe fazer.

Ah, não. Isso não estava cheirando bem.

A julgar pela expressão preocupada do major Wolfe ao entrar novamente no escritório, ele concordava com ela.

– Que tipo de proposta? – perguntou ele.

Ela deu de ombros, impotente. Não fazia ideia do que o irmão estava tramando.

– Como o senhor deve saber – disse Thorn –, toda a nossa família irá para Londres em poucos dias. Partiremos no dia seguinte à Páscoa.

– Estou ciente – respondeu o major, cruzando os braços.

– Gostaria que se juntasse a nós.

– Não há necessidade de um guarda-caça na casa de Londres – respondeu o major Wolfe, com desconfiança.

– Verdade, mas eu não preciso do senhor para isso. Preciso que seja o guarda-costas de Gwyn.

CONHEÇA OS LIVROS DE SABRINA JEFFRIES

DINASTIA DOS DUQUES

Projeto duquesa
Um par perfeito (e-book)
O duque solteiro

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br